

**GLOBALIZAÇÃO E FUTEBOL FEMININO:
O MERCADO DE CIRCULAÇÃO DAS ATLETAS NOS MUNDIAIS FIFA E JOGOS OLÍMPICOS**

Juliano Oliveira Pizarro¹

RESUMO

O jogo moderno foi criado na Inglaterra com a formação da The Football Association. Apesar de ter sido praticado inicialmente por homens, logo foi também praticado por mulheres. Contudo, para entender o fenômeno do futebol é importante conhecer os aspectos políticos que causaram uma ruptura no esporte, principalmente na modalidade feminina, o que consequentemente gerou assimetrias até os dias atuais. A pesquisa baseia-se em um levantamento de dados a partir de fontes bibliográficas e documentais (FIFA Technical Reports), sendo os procedimentos metodológicos que norteiam o presente trabalho de caráter exploratório-descritivo. A problemática da pesquisa foi identificar as dinâmicas do sistema-mundo a partir da migração das atletas no futebol feminino, demonstrando os fluxos migratórios na circulação das futebolistas na relação Sul-Norte Global, observando o mercado europeu, asiático e estadunidense, e sua influência nos resultados de campo. Nesta perspectiva, a pesquisa teve o intuito de identificar as dinâmicas do sistema-mundo a partir da migração de atletas. Assim, o estudo visou contribuir para o entendimento da globalização no futebol feminino, demonstrando os fluxos migratórios na circulação de atletas na relação Periferia-Centro nos mundiais FIFA e Jogos Olímpicos e apontar as especificidades do mercado do futebol feminino.

Palavras-chave: Futebol Feminino. Globalização. Circulação. Futebolistas.

ABSTRACT

Globalization and Women's Football: the circulation market of athletes in the FIFA World Cups and in the Olympic Games

The modern game was created in England with the formation of The Football Association. Although it was initially practiced by men, it was soon also practiced by women. However, to understand the phenomenon of football it is important to know the political aspects that caused a rupture in the sport, especially in the female modality, which consequently generated asymmetries until the present day. The research is based on a survey of data from bibliographic and documentary sources (FIFA Technical Reports), and the methodological procedures that guide this work are exploratory-descriptive. The research problem was to identify the dynamics of the world-system from the migration of athletes in women's football, demonstrating the migratory flows in the movement of female footballers in the Global South-North relationship, observing the European, Asian and American markets, and their influence on field results. In this perspective, the research aimed to identify the dynamics of the world-system from the migration of athletes. Thus, the study aimed to contribute to the understanding of globalization in women's football, demonstrating the migratory flows in the circulation of athletes in the Periphery-Center relationship in the World Cups FIFA and Olympic Games and pointing the specificities of the football market practiced by women.

Key words: Women's Football. Globalization. Circulation. Footballers.

1 - Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

E-mail do autor:
jopizarro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O futebol é considerado como um dos principais fenômenos desportivo do século XXI e hoje considerado como o esporte mais praticado no mundo.

Como fenômeno sociocultural em nível global, deve ser compreendido sob uma ótica globalizada, no qual o futebol se tornou um espaço de acumulação de capital em um mercado bilionário para muitos “pés-de-obra” e diversos atores envolvidos nesse processo.

Antes de se analisar as consequências desse processo, é importante se fazer uma breve retrospectiva histórica. Giulianotti (2002) afirma que “para explorar a história social do futebol, devemos começar discutindo as origens do jogo”.

O jogo moderno foi criado na Inglaterra com a formação da The Football Association (entidade que precedeu a Fédération Internationale de Football Association, conhecida atualmente como FIFA), cujas regras de 1863 são a base do desporto na atualidade. Apesar de ter sido praticado inicialmente por homens, logo foi também praticado por mulheres.

Principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto os homens lutavam nos campos de batalha, as partidas de futebol feminino eram necessárias para angariar dinheiro durante a Grande Guerra. Com isso, tornou-se rapidamente num fenômeno incontrolável sem precedentes. A equipe Dick, Kerr Ladies F.C. era a mais famosa de Inglaterra, chegando a atrair mais de 50 mil espectadores no Boxing Day de 1920, mas não passava da ponta do iceberg (Rial, 2015; Silva, 2019).

Contudo, para entender o fenômeno do futebol e seu estágio atual como esporte, é importante conhecer os aspectos políticos que causaram uma ruptura no esporte, principalmente na modalidade feminina, o que consequentemente gerou um desenvolvimento maior da modalidade masculina sob o ponto de vista econômico, causando assimetrias até os dias atuais.

Em 1921, a guerra já tinha acabado, as competições de futebol masculino regressavam e a dinâmica imposta pelas mulheres era sentida mais como uma ameaça do que algo complementar. A Federação Inglesa de Futebol (FA) sentiu o novo paradigma e, pressionada

por vários quadrantes, a 5 de dezembro, a direção decidiu banir qualquer prática do até então chamado ‘futebol feminino’ nos estádios.

O cerne da questão era outro, o dinheiro. As equipes eram constituídas por trabalhadoras de fábricas e as equipas começaram a jogar para reunir fundos para apoiar grevistas, sobretudo mineiros. Este desafio ao poder instalado gerou controvérsia e foi um motivo forte para pressionar a Federação Inglesa a tomar uma decisão. O destino do dinheiro era uma dupla afronta: não só ajudava a combater o poder patronal como retirava receita à própria federação (Silva, 2019).

Porém, não foi apenas na Inglaterra, o futebol praticado por mulheres no Brasil foi proibido por cerca de 40 anos, e em alguns países até hoje mulheres são proibidas de entrar em estádios de futebol. Em contrapartida, no futebol masculino há competições em nível mundial desde 1900.

Diante disso, a pesquisa teve o intuito de identificar como ocorre a concentração do capital, analisando as dinâmicas do sistema-mundo e a migração de atletas, principalmente o fluxo de transferência de jogadores e jogadoras dos países periféricos aos países do centro global, seguindo a lógica colonial.

Assim, o trabalho visa contribuir para o entendimento da globalização no futebol feminino, abordando aspectos contemporâneos para entender a espacialização do fenômeno ao redor do mundo.

A pesquisa visou demonstrar o poder que o centro global ainda detém em relação à periferia, evidenciado no mercado do futebol feminino, com o fluxo de circulação das atletas no eixo periferia-centro.

Com isso, buscou-se compreender os fenômenos da globalização no futebol feminino, demonstrar os fluxos migratórios na circulação das futebolistas nos mundiais FIFA e apontar as questões e as especificidades do mercado do futebol praticado por mulheres.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa baseia-se em um levantamento de dados a partir de fontes bibliográficas e documentais (FIFA Technical Reports, através do Digital Hub da FIFA), sendo os procedimentos metodológicos que norteiam o presente trabalho de caráter exploratório-

descritivo. Nesta perspectiva, a pesquisa teve o intuito de identificar as dinâmicas do sistema-mundo a partir da migração das atletas, as quais seguem a lógica colonial. Assim, o estudo visou contribuir para o entendimento da globalização no futebol feminino, demonstrando os fluxos migratórios na circulação das atletas na relação Sul-Norte Global, visando o mercado europeu e estadunidense, e sua influência nos resultados de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Circulação de jogadoras nos mundiais de base de futebol feminino

De acordo com Carter (2014, p. 174), para dentre os modelos teóricos utilizados, é necessário tomar uma posição específica sobre as questões que envolvem o poder. As diferenças em como a mobilidade é conceituada são um resultado direto da postura teórica assumida por um estudioso na investigação da migração esportiva internacional.

Da mesma forma, examinar a mobilidade das mulheres que trabalham no esporte internacional também é político, pois pode conspirar ou desafiar os poderes institucionais que governam o esporte global. Focar nas experiências das mulheres pode ser um catalisador para gerar mudanças na forma como o futebol global é produzido e, em correlação direta, como a mobilidade das mulheres no futebol global é produzida.

Os efeitos da globalização atingem também as futebolistas desde os mundiais de base. Diferente do futebol masculino, no futebol feminino dos Jogos Olímpicos as seleções jogam com suas forças máximas, não há limite de idade. Assim sendo, os mundiais de base do futebol praticado por mulheres são Sub-17 e Sub-20. Importante pontuar que a primeira

Copa do Mundo de futebol feminino foi em 1991, com a modalidade entrando nos Jogos Olímpicos em 1996, ambos ocorrendo já em um período de consolidação da globalização.

Os mundiais de base seguiram essa lógica, a Copa do Mundo Feminina Sub-17 da FIFA é um torneio internacional de futebol para jogadoras de até 17 anos. O campeonato é realizado em anos pares, a partir de 2008. A atual campeã é a seleção da Espanha, que conquistou seu primeiro título no torneio de 2018, no Uruguai.

No ano de 2003, após o sucesso do Campeonato Mundial Feminino Sub-19 de 2002, realizado no Canadá, a FIFA propôs adicionar um segundo torneio feminino de base.

Assim, a FIFA criou a Copa do Mundo Feminina Sub-17 e o Campeonato Mundial Feminino Sub-20, as mesmas faixas etárias dos torneios de base masculinos. Com isso, o limite de idade para o campeonato Sub-19 foi aumentado para Sub-20, a partir do mundial de 2006 na Rússia e, em 2008, a FIFA cria o campeonato mundial feminino Sub-17, com o primeiro torneio sendo realizado na Nova Zelândia. Com a pandemia de COVID-19, a edição de 2020 que ocorreria na Índia foi cancelada, sendo posteriormente disputado em 2022 e vencido pela Espanha.

A partir do FIFA Technical Reports, relatórios que a FIFA faz de cada competição, foram analisadas a circulação de atletas a partir dos clubes onde atuavam em cada mundial.

Primeiramente se analisou atletas de cada seleção que disputou a competição, vendo se as atletas jogavam naquele momento em equipes do seu próprio país ou do exterior. Posteriormente, se analisou as atletas que jogavam fora do país, em qual continente estavam. A seguir, observa-se os dados da circulação de futebolistas nos mundiais Sub-17 de futebol feminino até o mundial de 2018:

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino sub-17 - 2008*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Dinamarca	21	21						
Canadá	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Colômbia	21	17						4
Alemanha	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Gana	21	20						1
Costa Rica	21	20						1
Japão	21	21						
Estados Unidos	21	21						
França	21	21						
Paraguai	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
Inglaterra	21	21						
Nigéria	21*	21						
Brasil	21*	21						

*<https://digitalhub.fifa.com/m/9cd280a44e75083/original/ipdzgqg7og5xrozjski-pdf.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino sub-17 - 2010*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Nigéria	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Trinidad Tobago	21	13						8
Chile	21	21						
Alemanha	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
México	21	12					1	8
África do Sul	21	20						1
Espanha	21	21						
Japão	21	21						
Venezuela	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Irlanda	21	14					4	3
Brasil	21	21						
Canadá	21	21						
Gana	21	21						

*<https://digitalhub.fifa.com/m/6a1183e533a87ac4/original/ivclpp7qglu2fgtfs9xp-pdf.pdf>

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino sub-17 - 2012*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Nigéria	21	21						
Canadá	21	19						2
Colômbia	21	20						1
Azerbaijão	21	15					6	
Coreia do Norte	21	21						
França	21	21						
Estados Unidos	21	21						
Gâmbia	21	21						
Japão	21	21						
Brasil	21	21						
México	21	11						10
Nova Zelândia	21	20						1
Alemanha	21	21						
Gana	21	21						
China	21	21						
Uruguai	21	21						

*<https://digitalhub.fifa.com/m/2450c855d16a1f31/original/yvwhy0nykmhribhsw7oc-pdf.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino sub-17 - 2014*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Venezuela	21	21						
Itália	21	20					1	
Zâmbia	21	21						
Costa Rica	21	21						
Gana	21	21						
Canadá	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Alemanha	21	21						
Japão	21	21						
Espanha	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Paraguai	21	21						
Nigéria	21	21						
México	21	14						7
China	21	21						
Colômbia	21	21						

*<https://digitalhub.fifa.com/m/4614bbaa1544efca/original/ytw6lclx45g3kswbkmkt-pdf.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino sub-17 - 2016*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
México	21	11						10
Espanha	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Jordânia	21	18		1	1		1	
Alemanha	21	21						
Venezuela	21	20						1
Canadá	21	21						
Camarões	21	21						
Coreia do Norte	21	20			1			
Inglaterra	21	21						
Brasil	21	20						1
Nigéria	21	21						
Japão	21	21						
Gana	21	20						1
Estados Unidos	21	21						
Paraguai	21	21						

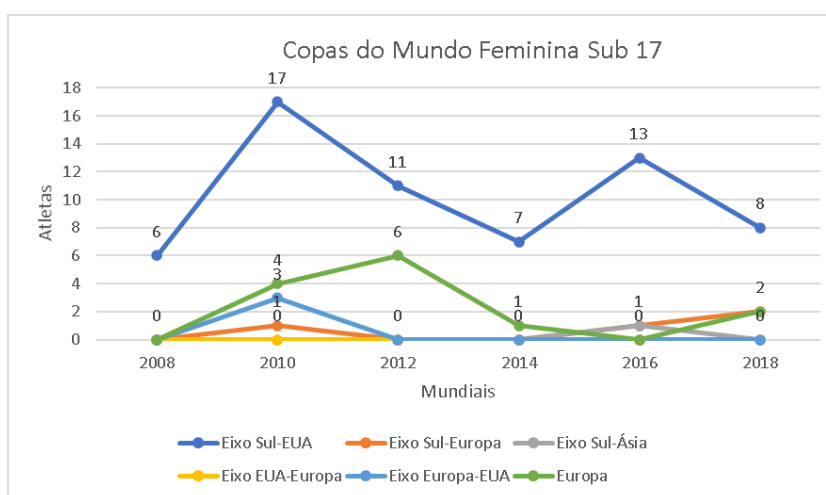
*<https://digitalhub.fifa.com/m/746801f831353125/original/enuw2uad6jlgrvwa7a5-pdf.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino sub-17 - 2018*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Gana	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Finlândia	21	19					2	
Uruguai	21	20						1
Japão	21	21						
México	21*	14					2	5
Brasil	21	20						1
África do Sul	21	21						
Alemanha	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Camarões	21	21						
Estados Unidos	21	21						
Espanha	21	21						
Canadá	21	21						
Colômbia	21	20						1
Coreia do Sul	21	21						

*<https://digitalhub.fifa.com/m/3707aa541d364414/original/FIFA-U-17-Women-s-World-Cup-Uruguay-2018-Technical-Report.pdf>. Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2022.

As seleções que possuem um asterisco ao lado do número de atletas são as que possuíam alguma atleta sem filiação a clube algum. Um dado relevante é que as seleções que possuíam atletas que disputaram mundiais e não estavam filiadas a nenhum clube eram apenas do Sul-global, fato que deve ser levado em consideração, sendo Brasil e Nigéria no mundial de 2008 e México no mundial de 2018. Das 2.016 atletas analisadas nos mundiais femininos, nenhuma atleta do norte-global (Europa e América do Norte) jogava por equipes do Sul-global.

Em contrapartida, 54 atletas do Sul-global atuavam em equipes europeias e estadunidenses. Desde o primeiro mundial em 2008 já havia circulação de atletas no eixo Sul-Norte. O gráfico abaixo foi elaborado a partir das tabelas, para visualizar o fluxo de circulação das atletas. Observa-se o eixo Sul (América Latina e África) e a migração de atletas para Europa, Estados Unidos e Ásia, mercados com maior capital (Norte-Global), além de observar o fluxo dentro do próprio Norte-Global:



Fonte: Elaboração Própria – Dados Tabelas Mundiais FIFA Feminino Sub17 (2022).

Tabela 1 - Campeãs Mundiais Feminino sub-17

Europeus		Asiáticos	
Espanha	2018	Coreia do Norte	2008, 2016
França	2012	Coreia do Sul	2010
		Japão	2014
Total	2	Total	4

Fonte: Elaboração Própria. Dados FIFA (2022)

Diante do gráfico e dos dados apresentados, observa-se que o maior eixo de transferência nas seleções de base femininas são Sul-EUA. Há um pequeno crescimento da circulação Sul-Europa, assim como uma maior circulação interna dentro da própria Europa. Ainda, há uma pequena movimentação Sul-Ásia, mas voltou a cair no último mundial.

Contudo, nos mundiais Sub-17 há um domínio das equipes europeias e, principalmente, asiáticas. Diferente do masculino, não há nenhum título de seleções

do Sul-global, havendo uma perda de identidade nacional competitiva, onde os críticos não levam em conta todo processo diferente de formação e investimento na modalidade nesses países.

A Copa do Mundo Feminina Sub-20 da FIFA é um torneio internacional de futebol organizado pela FIFA para seleções de mulheres de até 20 anos. O torneio é disputado também em anos pares. Foi conduzido pela primeira vez em 2002 como o Campeonato Mundial Feminino Sub-19 da FIFA, virando Sub-20 a partir da competição de 2008.

A partir da edição de 2010, os torneios são realizados nos anos imediatamente anteriores à Copa do Mundo Feminina da FIFA, como parte do processo de licitação para a Copa do Mundo Feminina. Nesses anos, a Copa do Mundo Feminina Sub-20 serve como um teste para o país-sede da Copa do Mundo Feminina, um papel semelhante ao da antiga Copa das Confederações da FIFA no futebol masculino. O atual campeão é o Japão, que

conquistou seu primeiro título no torneio de 2018 na França.

Assim como no Sub-17, com a pandemia de COVID-19, a edição de 2020 que ocorreria na Costa Rica foi cancelada (sendo disputado posteriormente em 2022 e vencido

também pela Espanha). A seguir, com os dados do FIFA Technical Reports, observa-se os dados da circulação de futebolistas nos mundiais Sub-20 de futebol feminino até o mundial de 2018:

Copa do mundo de futebol feminino sub-19 - 2002*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Canadá	18	12						6
Japão	20	20						
Dinamarca	18	17						1
Nigéria	18	18						
Brasil	18*	18						
Alemanha	18	18						
França	18	18						
México	18	15						3
Estados Unidos	19	19						
Austrália	18	18						
Inglaterra	18	18						
Taipe Chinês	18***	18						

* <https://digitalhub.fifa.com/m/5e6ba738d4014989/original/xu0giukrjg6doabcpron-pdf.pdf> e <https://digitalhub.fifa.com/m/7bb8b6b36ac3ac79/original/gelobj5tm8xz2vjflm5c-pdf.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino sub-19 - 2004*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	20	20						
Canadá	21	16						5
Austrália	21	21						
Tailândia	21	21						
Brasil	21	20					1	
China	21	21						
Nigéria	21	19					1	1
Itália	21	21						
Estados Unidos	21	21						
Rússia	21	21						
Coréia do Sul	21	21						
Espanha	21	21						

*<https://digitalhub.fifa.com/m/8268c256b65c812/original/ertid45hyzdnhljm3muv-pdf.pdf>

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino sub-20 - 2006*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Rússia	21	21						
Austrália	21	20						1
China	21	21						
Coréia do Norte	21	21						
Alemanha	21	21						
Finlândia	21	20					1	
França	21	21						
Suíça	21	20					1	
Nigéria	21	18					3	
RD Congo	21	21						
Canadá	21	12						9
Estados Unidos	21	21						
México	21	11						10
Argentina	21	21						
Brasil	21	21						
Nova Zelândia	21	18						3

* <https://digitalhub.fifa.com/m/1253550abf845671/original/xhltkgz85otipk4nst-pdf.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino sub-20 - 2008								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Chile	21	21						
Coréia do Norte	21	21						
Japão	21	21						
China	21	21						
Alemanha	21	21						
França	21	21						
Noruega	21	21						
Inglaterra	21	20						1
Nigéria	21	20					1	
RD Congo	21	21						
Estados Unidos	20	20						
México	21	18						3
Canadá	21	3						18
Brasil	21	20						1
Argentina	21	21						
Nova Zelândia	21	21						

* <https://digitalhub.fifa.com/m/5c2d5eaf46cf8b3e/original/vrtvefvvmf1bkbidabd4-pdf.pdf>

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino sub-20 - 2010*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Japão	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
Coreia do Norte	21***	21						
Gana	21	21						
Nigéria	21	21						
Estados Unidos	21	21						
México	21	10					1	10
Costa Rica	21	18						3
Brasil	21*	20						1
Colômbia	21	17						4
Nova Zelândia	21*	20						1
Inglaterra	21	20						1
Suécia	21	21						
França	21	20						1
Suíça	21	17					3	1
Alemanha	21	21						

* <https://digitalhub.fifa.com/m/2320dab07327ee2f/original/vwxihcdcu0jm3nwb3dr0-pdf.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino sub-20 - 2012*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
China	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Japão	21	21						
Gana	21	20						1
Nigéria	21	21						
Estados Unidos	21	21						
México	21	7						14
Canadá	21	4						17
Brasil	21	20			1			
Argentina	21	20						1
Nova Zelândia	21	19					1	1
Itália	21	21						
Noruega	21	21						
Suíça	21	20					1	
Alemanha	21	20						1

* <https://digitalhub.fifa.com/m/35feebf5c69866a8/original/pzxd2ef1asu6f6eennlj-pdf.pdf>

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino sub-20 - 2014*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
China	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Gana	21	21						
Nigéria	21	20						1
Estados Unidos	21	20					1	
México	21	11						10
Costa Rica	21	19						2
Canadá	21	6						15
Brasil	21*	20						1
Paraguai	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Inglaterra	21	21						
Alemanha	21	18						3
Finlândia	21	21						
França	21	20						1

* <https://digitalhub.fifa.com/m/1ea726f185520aff/original/wm4y4lm63z101wacbeii-pdf.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino sub-20 - 2016*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Japão	21	21						
Coreia do Sul	21	20			1			
Coreia do Norte	21	21						
Gana	21*	18					3	
Nigéria	21	18			1		2	
Estados Unidos	21	21						
México	21	12						9
Canadá	21	9						12
Brasil	21	20						1
Venezuela	21	20						1
Nova Zelândia	21	21						
Suécia	21	20						1
Alemanha	21	19						2
Espanha	21	20						1
França	21	21						
Papua-Nova Guiné	21	21						

* <https://digitalhub.fifa.com/m/538dca1e6b284e65/original/nwsw3aagm4ytxnon7qwj-pdf.pdf>

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino sub-20 - 2018*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Japão	21	20			1			
China	21	20						1
Coreia do Norte	21	21						
Gana	21*	21						
Nigéria	21	21						
Estados Unidos	21	21						
México	21	11						10
Haiti	21***	20					1	
Brasil	21	19					1	1
Paraguai	21	20	1					
Nova Zelândia	21	21						
Inglaterra	21	14						7
Alemanha	21	19					1	1
Espanha	21	21						
Países Baixos	21	19					1	1
França	21	18					3	

* <https://digitalhub.fifa.com/m/18371f41e627054c/original/khspkuf4mopr1nd2i1xr-pdf.pdf>

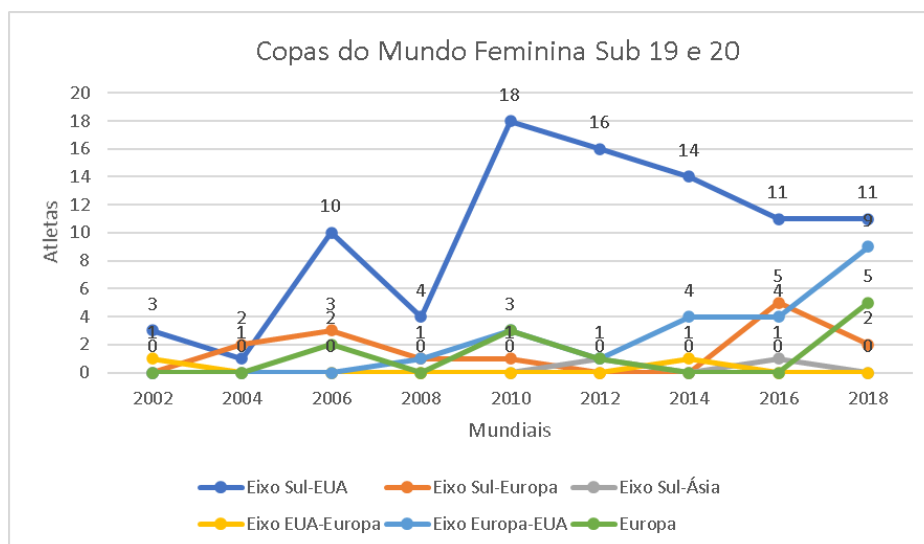
Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2022.

Assim como no Sub-17, as equipes que possuem um asterisco ao lado do número de atletas são as que possuem atletas sem filiação com clube algum. Mas no Sub-19/Sub-20, isso não ocorreu apenas em seleções do Sul-global, mas também em seleções como Nova Zelândia e Coreia do Norte.

Das 2.821 atletas analisadas nos mundiais femininos Sub-19/Sub-20, novamente nenhuma atleta do norte-global (Europa e América do Norte) jogava por equipes do Sul-global. Em contrapartida, 102 atletas do Sul-

global (de seleções latino-americanas e africanas) atuavam em equipes europeias e estadunidenses. Desde o primeiro mundial em 2002 já havia circulação de atletas no eixo Sul-Norte Global.

A partir desse fluxo, o gráfico a seguir o subdivide, mostrando que o maior fluxo é das atletas do Sul-Global para os Estados Unidos, mas que vem crescendo também o número de atletas da Europa que vão jogar em equipes estadunidenses:



Fonte: Elaboração Própria – Dados Tabelas Mundiais FIFA Feminino Sub19 e sub20 (2022)

Tabela: Campeãs Mundiais Feminino sub-19 e sub-20.

Norte-americanos		Europeus		Asiáticos	
Estados Unidos	2002, 2008, 2012	Alemanha	2004, 2010, 2014	Coreia do Norte	2006, 2016
				Japão	2018
Total	3	Total	3	Total	3

Fonte: Elaboração própria. Dados FIFA (2022)

Diante do gráfico e dos dados apresentados, observa-se que, assim como nos mundiais Sub-17, o maior eixo de transferência nas seleções de base femininas são Sul-EUA. Há circulação também no eixo Sul-Europa, mas vem diminuindo. No entanto, o eixo Europa-EUA tem aumentado significativamente, assim como houve também uma maior circulação interna dentro da própria Europa.

Nos mundiais Sub-17 há um domínio das equipes europeias e, principalmente, asiáticas. Já no Sub-20 há uma divisão de forças também com os Estados Unidos, que começam a demonstrar sua força nessa categoria. Novamente, não há nenhum título de seleções do Sul-global, tendo dois títulos novamente a Coreia do Norte, com um outro modelo, mostrando sua força nas competições de base femininas.

Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: o futebol feminino e o mercado de circulação das atletas

Em se tratando do alto rendimento do futebol praticado por mulheres, a Copa do Mundo de Futebol Feminino é a competição mais importante em nível internacional. Após anos de proibição do esporte em diversos países, o torneio foi realizado pela primeira vez em 1991 na China, organizado pela FIFA, o órgão controlador do esporte.

O campeonato reúne atualmente 24 seleções a cada quatro anos, para competir pelo título mundial da modalidade. A Copa do Mundo de Futebol Feminino surgiu como ideia dos delegados da FIFA durante a Copa do Mundo de 1986, no México, na gestão Havelange, como forma de desenvolver a modalidade e aumentar o controle da entidade sobre o esporte.

A partir disso, foi analisado a evolução da circulação de atletas na Copa do Mundo FIFA de futebol feminino, com base no FIFA Technical Reports, até o mundial de 2019:

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino 1991*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Estados Unidos	18	16					2	
Noruega	18	17					1	
Suécia	18	18						
Alemanha	18	18						
China	18	17			1			
Itália	18	18						
Dinamarca	18	16					2	
Taipe Chinês	18	15			3			
Brasil	18	18						
Nigéria	18	18						
Nova Zelândia	18	18						
Japão	18	17					1	

* <https://digitalhub.fifa.com/m/54412d4f52ebc92f/original/igmaj4jv8erfljbs47z.pdf> e
<https://digitalhub.fifa.com/m/282858719d9227c9/original/pcq1fcktwzzyi2gsm7c-pdf.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino 2003*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	20	19						1
Suécia	20	20						
Estados Unidos	20	20						
Canadá	20	11*					2	7
Brasil	20	17*					1	2
China	20	18						2
Noruega	20	16						4
Rússia	20	20						
França	20	18						2
Japão	20	19						1
Coreia do Norte	19	19						
Gana	20	15						5
Austrália	20	16						4
Coreia do Sul	20	20						
Nigéria	20	13			2		1	4
Argentina	20	20*						

* <https://digitalhub.fifa.com/m/61560c0a949c963e/original/zb4xdbbsb9igeycudpmo-pdf.pdf>

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino 2007*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	21	20					1	
Japão	21	21						
Inglaterra	21	21						
Argentina	21	21*						
Estados Unidos	21	21						
Nigéria	21	13			1		7	
Coreia do Norte	21	21						
Suécia	21	21						
Noruega	21	18					3	
Gana	21	17						4
Austrália	21	21						
Canadá	21	17*						4
China	21	21						
Nova Zelândia	21	14					2	5
Brasil	21	13			1			7
Dinamarca	21	18					3	

* <https://digitalhub.fifa.com/m/71bd038b7fc0316b/original/FIFA-Women-s-World-Cup-China-2007-Technical-Report.pdf>

Copa do mundo de futebol feminino 2011*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	21	21						
Canadá	21	14*					1	6
Nigéria	21	12					9	
França	21	21						
Japão	21	17					3	1
Nova Zelândia	21	17					2	2
México	21	11*					3	7
Inglaterra	21	16						5
Estados Unidos	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Colômbia	21	16						5
Suécia	21	15					4	2
Brasil	21	18*					1	2
Austrália	21	19					1	1
Noruega	21	18					3	
Guiné Equatorial	21	18*		1	1		1	

* <https://digitalhub.fifa.com/m/43e9c055b875533b/original/pcahcegynzgqmcyv4mdu-pdf.pdf>

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino 2015*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Canadá	23	8*					2	13
Alemanha	23	19					3	1
Japão	23	17					6	
Estados Unidos	23	23*						
Brasil	23	20*			1		1	1
França	23	23						
Nigéria	23	14					7	2
Camarões	23	11					11	1
Costa do Marfim	23	19		1			3	
Costa Rica	23	18					1	4
México	23	9*					3	11
Nova Zelândia	23	15					5	3
Austrália	23	23						
China	23	20			2		1	
Coreia do Sul	23	21					2	
Tailândia	23	23						
Colômbia	23	17					1	5
Equador	23	23						
Espanha	23	19					3	1
Suíça	23	8					15	
Suécia	23	16					7	
Noruega	23	20					3	
Inglaterra	23	22						1
Holanda	23	14					9	

* <https://digitalhub.fifa.com/m/1816849eda4db6/original/jaeq2lvmczqjofxccj3u-pdf.pdf>

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Copa do mundo de futebol feminino 2019*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
França	23	21					2	
Coréia do Sul	23	20			1		2	
Noruega	23	16					7	
Nigéria	23	7			3		12	1
Alemanha	23	21					2	
China	23	22					1	
Espanha	23	20					2	1
África do Sul	23	16*			2		5	
Austrália	23	9					2	12
Itália	23	22					1	
Brasil	23	6			2		12	3
Jamaica	23	1*			1	1	10	10
Inglaterra	23	18					3	2
Escócia	23	7					15	1
Argentina	23	15*					8	
Japão	23	21					1	1
Canadá	23	2					8	13
Camarões	23	9*					13	1
Nova Zelândia	23	12*					8	3
Holanda	23	6					17	
Estados Unidos	23	23						
Tailândia	23	21						2
Chile	23	9*	2				12	
Suécia	23	14					9	

* <https://digitalhub.fifa.com/m/6bd2fa3c769ee09c/original/FIFA-Women-s-World-Cup-France-2019-Technical-Report.pdf> Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2022.

Um dado relevante é que várias atletas que disputaram mundiais não estavam filiadas a nenhum clube. O número de atletas que atuam no próprio país que possui um asterisco significa que algumas delas não possuem vínculo com nenhum clube. Os países que possuem mais atletas que disputaram mundiais sem vínculo com clubes são Brasil e Argentina.

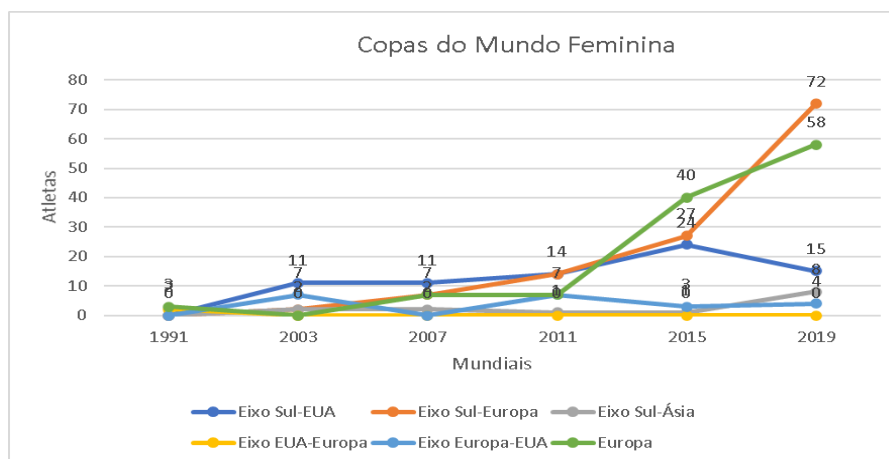
É interessante observar que Canadá também possuiu atletas que disputaram mundiais sem vínculo, mas principalmente os Estados Unidos, campeão em 2015, possuía uma atleta sem vínculo com nenhum clube. Das 108 equipes femininas analisadas, 19 possuíam atletas sem vínculos com clubes (17,59%).

Das 2.311 atletas analisadas nos mundiais femininos, nenhuma atleta do norte-global (Europa e América do Norte) jogava por equipes do sul global (única exceção é uma atleta da Coréia do Sul que jogava na China no Mundial de 2019).

Em contrapartida, 179 atletas do sul-global atuavam em equipes europeias e estadunidenses. No primeiro mundial feminino em 1991, não havia nenhuma atleta do sul-global que atuavam por equipes do norte, já no último em 2019 o número era de 69, o que comprova o crescimento da circulação de atletas nesse eixo a partir da ótica da globalização.

O gráfico abaixo subdivide o fluxo da circulação das atletas, para melhor percepção,

nos mesmos moldes dos mundiais femininos de categorias de base:



Fonte: Elaboração Própria – Dados Tabelas Mundiais FIFA (2022).

Tabela: Campeãs Mundiais Feminino

Norte-americanos	Europeus	Asiáticos
Estados Unidos	1991, 1999, 2015, 2019	Alemanha
		2003, 2007
		Japão
		2011
Total	4	Total
		3
		Total
		1

Fonte: Elaboração Própria. Dados FIFA (2022)

Diante do gráfico e dos dados apresentados, observa-se que, o maior eixo de transferência nas seleções de base femininas é Sul-Europa, diferente das competições de base que o eixo de maior circulação é Sul-EUA. Há circulação também no eixo Sul-EUA, mas vem diminuindo.

No entanto, tem aumentado significativamente a circulação interna dentro da própria Europa, com um leve aumento Sul-Ásia, essa última corroborando com os dados de migração da ONU (United Nations, 2019).

Nos mundiais Sub-17 há um domínio das equipes europeias e, principalmente, asiáticas. Já no Sub-20 há uma divisão de forças também com os Estados Unidos, que começam a demonstrar sua força nessa categoria. Na Copa do Mundo, continuam essas três forças, mas com os Estados Unidos possuindo o maior número de conquistas. Novamente não há equipes do Sul-global, o que mostra um diferente centro técnico do futebol praticado por mulheres com relação aos homens.

A outra grande competição no futebol praticado por mulheres são os Jogos

Olímpicos. O torneio feminino é disputado entre seleções nacionais, sem restrições de idade, ao contrário do torneio masculino que é Sub-23. Um lugar é reservado para o país anfitrião dos jogos, e as demais seleções, como na Copa do Mundo, possuem um determinado número de vagas em cada região continental.

Em 1996, em Atlanta, foi incluído o torneio feminino de futebol nos Jogos Olímpicos. Sem tempo para organizar campeonatos classificatórios, foi decidido que as vagas seriam das oito seleções melhor colocadas na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1995, apenas substituindo a Inglaterra (parte da Grã-Bretanha nas Olimpíadas) pela nona colocada, a seleção brasileira. Nos jogos olímpicos, a FIFA, além de permitir a presença das seleções principais, conta o desempenho nas Olimpíadas para ranking da entidade.

Como outras competições, as Olimpíadas, que seriam disputadas em 2020 em Tóquio, também foram transferidas para 2021 (tendo sido vencido pelo Canadá). A seguir, observa-se os dados do FIFA Technical

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Reports da circulação de futebolistas nos Jogos
 Olímpicos de Futebol Feminino até 2016:

Jogos olímpicos - futebol feminino 2004*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
EUA	22	21					1	
Brasil	19	12**					5	
Alemanha	22	22						
Suécia	22	21					1	
Austrália	21	19						2
Nigéria	22	16			2		2	2
Japão	22	22						
México	21	11***						10
China	22	22						
Grécia	22	13					2	7

* https://digitalhub.fifa.com/m/c383bb9f8a8095a8/original/Athen04_Umschlag-Rep_new-indd.pdf

Jogos olímpicos - futebol feminino 2008*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
China	18	18						
Suécia	18	18						
Canadá	18	15						3
Argentina	18	17					1	
Brasil	18	10			1		7	
Alemanha	18	16					2	
Coréia do Norte	18	18						
Nigéria	18	12			2		4	
EUA	18	18						
Noruega	18	16					2	
Japão	18	18						
Nova Zelândia	18	14					2	2

* <https://digitalhub.fifa.com/m/6e2c41fc9b0c3b32/original/oet47mrqppromb4zhdri-pdf.pdf>

RBFF
Revista Brasileira de Futsal e Futebol

Jogos olímpicos - futebol feminino 2012*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Grã-Bretanha	18	15					3	
Brasil	18	13					5	
Nova Zelândia	18	7					10	2
Camarões	18	9		1			8	
Suécia	18	14					4	
Japão	18	15					3	
Canadá	18*	14					2	2
África do Sul	18	15					1	2
EUA	18*	18						
França	18	18						
Coréia do Norte	20	20						
Colômbia	18	9						9

* <https://digitalhub.fifa.com/m/34fdd07af355a4d2/original/byevjrwedddq10g8s7fdi-pdf.pdf>

Jogos olímpicos - futebol feminino 2016*								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Brasil	18	5			5		5	3
China	18	18						
Suécia	19	13					6	
África do Sul	19	16					1	2
Canadá	18	2*					2	14
Alemanha	19	16					3	
Austrália	18	12					2	4
Zimbábue	18	18						
EUA	18	18						
França	18	16					1	1
Nova Zelândia	18	6*			1	1	7	3
Colômbia	18	12					2	4

* <https://digitalhub.fifa.com/m/594140fafd24e6e3/original/lq5ylkdcc5yhbybkig1e-pdf.pdf>

Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2022.

Assim como nas Copas do Mundo e nos mundiais de base, várias atletas que disputaram os Jogos Olímpicos não estavam filiadas a nenhum clube. O número de atletas que atuam no próprio país que possui um asterisco significa que algumas delas não possuem vínculo com nenhum clube. Os países que atletas estavam sem vínculo, dentro dos

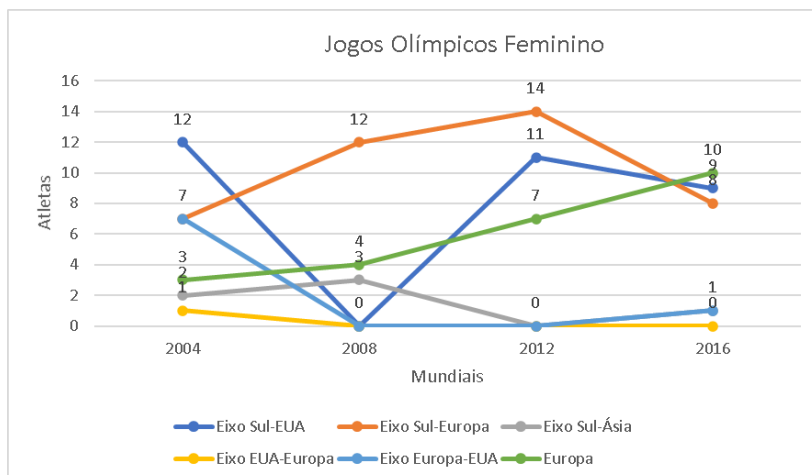
dados analisados, são Brasil, México, Canadá e Nova Zelândia.

Das 868 atletas analisadas nos Jogos Olímpicos, nenhuma atleta do Norte-global (Europa e América do Norte) jogava por equipes do Sul-global.

Em contrapartida, 73 atletas do Sul-global atuavam em equipes europeias e norte-

americanas, constatando o grande fluxo Sul-Norte e a inexistência em todas as competições femininas geridas pela FIFA do eixo Norte-Sul.

A partir dos dados das tabelas, o gráfico abaixo identifica os fluxos de circulação das atletas nos Jogos Olímpicos:



Fonte: Elaboração Própria – Dados Tabelas Jogos Olímpicos – Futebol Feminino (2022)

Tabela: Campeãs Olímpicas Feminino.

Norte-americanos		Europeus	
Estados Unidos	1996, 2004, 2008, 2012	Alemanha	2016
Canadá	2020	Noruega	2000
Total	5	Total	2

Fonte: Elaboração Própria. Dados FIFA (2022)

Diante do gráfico e dos dados apresentados, observa-se que, nos Jogos Olímpicos, o maior eixo de transferência nas seleções de base femininas é Sul-Europa, apesar de uma pequena queda nos últimos jogos. O eixo Sul-EUA também tem números importantes, sendo um indicador, assim como mostram os dados da Copa do Mundo feminina. No entanto, tem aumentado significativamente a circulação interna dentro da própria Europa.

A partir dos mundiais Sub-20 há uma divisão de forças no futebol feminino mundial, mas os Estados Unidos começam a demonstrar sua força (já que não possuem título Sub-17). Na Copa do Mundo os Estados Unidos possuem o maior número de conquistas, assim como nos Jogos Olímpicos, tendo a Europa dois títulos. Novamente não há equipes do Sul-global, tendo o melhor resultado com duas pratas Olímpicas do Brasil.

Figura: Ranking FIFA - Seleções Femininas 2021

1	USA	10	Japan
2	Germany	11	Norway
3	France	12	Spain
4	Netherlands	13	Italy
5	Sweden	14	Denmark
6	England	15	China PR
7	Australia	16	Iceland
8	Brazil	17	Belgium
8	Canada	18	Korea Republic
10	Japan	19	Switzerland
11	Norway	20	Austria

As seleções asiáticas demonstram força na base, já a Europa possui conquistas em todas as competições FIFA do futebol praticado por mulheres, com os Estados Unidos sendo os maiores campeões na categoria adulta. Todos os mundiais FIFA surgem a partir dos anos 1990, junto com o crescimento da globalização, reproduzindo a disputa de hegemonia global desse período.

Observa-se também o ranking da FIFA das seleções femininas. Das 20 principais

seleções do mundo até 2020, há apenas uma seleção do Sul-Global, o Brasil. Observa-se que os Estados Unidos lideram o Ranking, mas nota-se também que há 14 seleções europeias. Isso se relaciona com os resultados de campo, mercado e capital técnico. Há ainda um nível alto de competitividade, porém, demonstra as lógicas de competição dos Sistema-Mundo Moderno.

Futebol feminino e (r)existência: impactos da globalização e reestruturação imposta

Em 1995, o então presidente da FIFA, Joseph Blatter, declarou: “o futuro do futebol é feminino”. O aspecto interessante é o fato de refletir a estratégia globalizante do futebol sob a direção da FIFA e dos interesses econômicos que lhe estão associados. No entanto, a FIFA demorou ainda 20 anos para implantar a igualdade de gênero em seu estatuto – e após muita pressão das futebolistas (Almeida, 2019, p. 85).

É importante observar que a ideia de um futuro feminino para o futebol adquiriu esse reconhecimento oficial - ao ser formulado pelo presidente da FIFA - mas, por outro lado, as mulheres ainda estão praticamente excluídas de todos os principais centros de poder do futebol e instituições dominantes ligadas ao esporte. As mulheres continuam, até hoje, lutando por apoios financeiros básicos no futebol profissional, principalmente em se tratando de Sul-global.

Com relação a essa circulação de atletas no futebol feminino, Rial (2014, p. 99) afirma que o contexto doméstico adverso para o futebol feminino poderia explicar a alta circulação entre os clubes do país e a vontade das jogadoras de sair.

De fato, as motivações econômicas são centrais para grande parte dos jogadores que exercem suas atividades fora do país, sabendo que jogar no exterior traz melhorias em suas condições profissionais e gera ganhos que podem ser reenviados para o sustento de seus lares e famílias em casa.

Além do prestígio econômico e profissional, as motivações pessoais também são importantes na escolha pela saída do país: fatores como um “estilo de vida americano” ou um estilo de vida europeu, que podem implicar em menos preconceito em termos de sexualidade (e em alguns lugares, cor) também

explicam o impulso de cruzar fronteiras e, em alguns casos, o anseio pelo contato direto com outra cultura. Nesse sentido, essas jogadoras de futebol estão explorando novas fronteiras pessoais.

Almeida (2019, p. 85) que, se a teoria feminista há anos tem negligenciado o esporte, os movimentos feministas vêm aos poucos consolidando a paridade de gênero no futebol em suas agendas de lutas. Isso ocorre pois, cada vez mais movimentos de futebolistas têm reivindicado igualdades de direitos, de acesso e de salários nas associações nacionais de diferentes países.

Isso ocorre paralelamente a tentativa da FIFA de melhorar sua imagem diante dos escândalos causados pelas denúncias de fraudes nas realizações dos mundiais masculinos da África do Sul (2010) e do Brasil (2014).

Ainda, a grande audiência dos últimos mundiais de futebol feminino no Canadá (2015) e na França (2019) em países da Ásia, Europa e Estados Unidos também contribuiu para que a FIFA ampliasse o foco sobre a modalidade, haja visto que se trata de um mercado em potencial crescimento. O primeiro mundial foi em 1991, na China, já em 2019, na França, segundo dados da FIFA, mais de 1 bilhão de pessoas assistiram à competição (Neri e Moreira, 2020).

A partir disso, Almeida (2019, p. 85-86) versa que:

A inserção da palavra gênero abriu o precedente que faltava às mulheres para que gerassem ofensivas mais fortes contra as confederações e associações nacionais. Nessa última onda, foram as jogadoras de futebol dos Estados Unidos as primeiras no processo de contestação dos salários – diferenciados entre integrantes das categorias Feminina e Masculina. Após as estadunidenses, movimentos semelhantes ganharam força na Noruega, Dinamarca, Irlanda, Brasil, Escócia e Nigéria. Na última edição da Eurocopa Feminina, ocorrida em 2017 na Holanda, várias equipes nacionais denunciaram as dificuldades vivenciadas cotidianamente por mulheres que praticam o futebol em diferentes partes do mundo.

Williams (2007) que há uma chamada “integração negativa” das mulheres no futebol por parte das entidades responsáveis. Esse termo se aplica de forma internacional, mas

também de forma local. No Brasil, como em muitos outros países, a luta pela igualdade de gênero na CBF se insere nessa lógica. A confederação brasileira acenou mudanças em cumprimento às regras da FIFA, mas ainda sim deu sinais da intenção de preencher as formalidades solicitadas pela instituição internacional, ocorrendo uma reestruturação imposta, a partir da FIFA e da Conmebol.

Diante desse cenário, desenvolveu-se no Brasil um movimento de futebolistas mulheres que questionam essas práticas comuns à CBF. Se por um lado, as relações entre futebolistas, clubes e agentes sofrem certa fluidez, no tocante à CBF as posições têm se mantido intactas, conforme se pode perceber no episódio que envolveu a demissão de Emily Lima, ex-treinadora da seleção (Almeida, 2019, p. 86).

Quando se observa a predominância de homens no futebol, principalmente em cargos de gestão do esporte, a problemática das relações de gênero é necessária para explicar as desigualdades de oportunidades que as mulheres possuem com a prática. Nesse sentido, Martins e colaboradores (2021, p. 04-05) aponta:

Esse aprendizado, ainda, ocorre por meio de diversas instâncias, como o futebol, os esportes e as práticas corporais. Nessa perspectiva, praticando-os também aprendemos a “ser” mulheres e a “ser” homens dentro de um contexto cultural. Portanto, por meio dos esportes, “fazemos” gênero. [...] Processos de discriminação semelhantes ocorrem quando se trata da inserção das meninas e mulheres negras no esporte. Por um lado, raça e classe se interseccionam ao gênero quando se trata da escolha das atividades esportivas com as quais as meninas se engajam (Walker-Pickett, Dawkins, Braddock, 2012).

Nesse sentido, as meninas negras praticam atividades esportivas cujo custo financeiro e social de manutenção e engajamento são menores. Como resultado, nos EUA, elas têm se inserido de forma mais predominante em esportes como o basquete e o atletismo, cuja disponibilidade para a prática é economicamente mais acessível.

Quanto ao contexto do futebol brasileiro, Pisani (2018, p. 05-06) demonstrou que a experiência de mulheres brancas e

negras se difere em relação aos sentidos da prática, sendo necessária a compreensão da intersecção entre gênero, raça e classe. Para as mulheres negras, o futebol foi entendido como uma possibilidade de profissão, ainda que dificilmente se concretize. Em contrapartida, para as mulheres brancas, o futebol era um momento de lazer e diversão.

Sob o prisma da representação social, a mídia, por vezes, descreveu as futebolistas negras como “feras” e masculinizadas, em vez de belas, como descrevia as brancas (Almeida, 2016).

Com disso, o futebol pode ser um espaço onde diferentes feminilidades “transgressoras” e não normativas encontram um terreno para sua manifestação. Tais apontamentos da discussão sobre gênero, raça e esporte ratificam a demanda de não generalizar a experiência das mulheres brancas e, tampouco, enquadrar a discussão racial como se não houvesse distinção de gênero nela (Martins e colaboradores, 2021, p. 06).

Pontuada a discussão sobre a interseccionalidade no futebol praticado por mulheres, ressalta-se que a modalidade, ainda sim, ganha mais fortalecimento no cenário mundial. Equipes que acreditavam que era um gasto desnecessário, atualmente, enxergam a o futebol feminino como uma oportunidade de investimento. A Europa vem desenvolvendo-se na modalidade, e hoje é o principal centro do mundo, com a UEFA Women’s Champions League sendo a maior competição continental. Ainda que surgido, dentre os motivos, por uma obrigação da CBF, oriunda a FIFA e Conmebol, essa reestruturação imposta auxiliou no desenvolvimento da modalidade no país. Os modelos acima mostram que o futebol praticado por mulheres é um caminho sem volta, ou seja, os clubes que não se atualizarem agora, sofrerão o prejuízo competitivo logo adiante.

Essa aceitação da modalidade se verifica até mesmo na relação com os fornecedores de material esportivo. CBF e Nike colocaram uma jogadora entre os modelos de lançamento do novo uniforme da seleção. Ainda, a equipe feminina será a primeira a usar o novo uniforme em competições oficiais, algo impensável em outros anos (Barlem, 2018).

De acordo com a Fifa, são mais de 30 milhões de mulheres jogando futebol. Em um

Sistema-Mundo moderno, onde se busca cada vez mais monetizar ideias em novos mercados, a relação das mulheres com o futebol deve ser cada vez maior. A evolução da modalidade é o objetivo, e os fenômenos oriundos desses processos serão objetos de futuros estudos.

CONCLUSÃO

A partir do exposto, é possível identificar o árduo caminho percorrido pelas mulheres no esporte, desde sua inserção até a luta pela permanência (e sobrevivência) no cenário do futebol. A proibição do futebol feminino em diversos lugares do mundo, com anuência da própria FIFA mostra um pouco do quanto o esporte pode ser alvo de interesses políticos, assim como recentemente o discurso em prol do futebol praticado por mulheres e o Estatuto de Gênero lançado pela entidade.

Contudo, mesmo o futebol praticado por mulheres tendo deixado de ser alvo de interdição ao redor do mundo, sua estruturação e consolidação continuam sendo um desafio, principalmente em países do Sul-Global. É possível observar que nos últimos anos houve uma diminuição do preconceito de gênero em relação ao futebol praticado por mulheres. Contudo, ainda é uma modalidade colocada à margem dos clubes, de torcedores e de outros órgãos responsáveis pelo desenvolvimento do esporte no país. A partir de pressões externas, com uma reestruturação imposta, há um horizonte melhor para a modalidade, mas, ainda sim, há um longo caminho a ser percorrido para que o futebol feminino consiga se estruturar e se consolidar.

Em relação aos dados de transferências do futebol praticado por mulheres nos mundiais FIFA, observa-se que as competições já ocorrem após 1991, período do ápice da globalização. Diante disso, constata-se que o fluxo de circulação de atletas Norte-Sul é inexistente. Foram analisados três eixos: Estados Unidos, Europa e Ásia. Isso corrobora a ideia de que o fluxo de atletas influencia diretamente os resultados de campo. Já na era da globalização, o futebol praticado por mulheres mostra o poder simbólico da disputa hegemônica entre Estados Unidos e Europa, assim como a lógica do Sistema-Mundo Moderno. Acarreta também em preconceito, pois a modalidade não atinge os resultados após expectativas geradas pelas

equipes masculinas do Sul-global ao longo da história, não possuindo esse mecanismo decolonial. Evidencia-se também o machismo e falta de apoio, como no caso da jogadora brasileira Catarina Macario, que optou pela cidadania estadunidense (Carvalho, 2021), tornando um ciclo vicioso de falta de apoio, preconceito, perda de atletas e falta de resultados.

REFERÊNCIAS

- 1-Almeida, C.S. Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2016.
- 2-Almeida, C.S. Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações. In: kessler, C. S. (Ed.). Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2019. p. 107-133.
- 3-Carter, T.F. On mobility and visibility in women's soccer. In: Agergaard, S.; Tiesler, N. C. (Eds.). Women, Soccer and Transnational Migration. London, New York. Routledge. 2014.
- 4-Carvalho, B. Machismo fez Brasil perder fenômeno do futebol feminino para os EUA. Uol. São Paulo. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultima-s-noticias/2021/03/09/machismo-fez-brasil-perder-fenomeno-do-futebol-feminino-para-os-eua.htm>> Acesso em 11/12/2022.
- 5-Giulianotti, R. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria. 2002.
- 6-Martins, M.Z.; Silva, K.R.S.; Vasquez, V. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. Movimento. Porto Alegre. Vol. 27. 2021.
- 7-Neri, G.; Moreira, M. Futebol feminino: da proibição à hegemonia lionesa. Revista Badaró. 2020. Disponível em: <<https://revistabadaro.com.br/2020/09/06/futebol-feminino-da-proibicao-a-hegemonia-lionesa/>> Acesso em: 04/04/2021.

8-Pisani, M.S. Sou feita de chuva, sol e barro: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese Doutorado em Antropologia social. São Paulo. Universidade de São Paulo. 2018.

9-Rial, C.S.M. New Frontiers: The Transnational Circulation of Brazil's Women Soccer Players. In: Agergaard, S.; Tiesler, N. C. (Eds.). Women, Soccer and Transnational Migration. London. New York. Routledge. 2014.

10-Rial, C.S.M. Marta is better than Kaká: the invisible women's football in Brazil. Labrys. Vol. 28. p. eletrônica. 2015.

11-Silva, R.P. Quando as mulheres foram banidas do futebol em Inglaterra. É Desporto. p. eletrônica, 2019. Disponível em <<https://edesporto.com/quando-as-mulheres-foram-banidas-do-107863>>. Acesso 05/12/2022.

12-United Nations. World Population Prospects 2019. Disponível em: <<https://population.un.org/wpp2019/>> Acesso em: 30/11/2021.

13-Williams, J. A Beautiful Game: International Perspectives on Women's Football. Oxford and New York. Berg. 2007. 212 p.

Recebido para publicação em 03/01/2024
Aceito em 11/03/2024